

DO DIÁRIO DE SÍLVIA





Um belo dia, em setembro de 1941, Sílvia resolve começar um diário, que compra meio às escondidas. Depois de uma semana se põe a escrever. Pouco a pouco suas motivações se desvendam: ela chegou à plena consciência de que seu casamento é um fracasso afetivo e de que o cunhado é o grande amor de sua vida; de que sente a necessidade de um Deus não convencional, com quem quer se ver “a sós” para uma confissão íntima de fé que a redima.

Sílvia é afilhada de Rodrigo Terra Cambará, o potentado de Santa Fé que foi com a mulher e alguns filhos para o Rio de Janeiro, acompanhando a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Ela se casou com João Antônio (Jango), o filho do dr. Rodrigo que permaneceu em Santa Fé para tomar conta da estância e do casarão da família.

Seu verdadeiro amor, o escritor Floriano, primogênito de Rodrigo, foi para os Estados Unidos dar aulas na universidade. De certo modo, Sílvia escreve o diário também para compensar a falta que sente do cunhado, embora esse amor ameace a estabilidade da família.

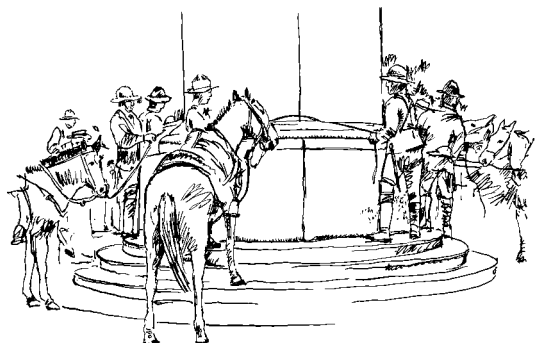
Enquanto Santa Fé, o Rio Grande do Sul e o Brasil completam sua dramática passagem para os caminhos e impasses da modernidade, vêm lembranças como a da proclamação do Estado Novo, em 1937, e do drama familiar que isso desencadeia; o rompimento de Rodrigo com o irmão Toríbio e a morte violenta deste; a cruenta Guerra Civil espanhola, entre republicanos esquerdistas e falangistas de direita; a ascensão do nazifascismo, o início da Segunda Guerra, a queda da França, o bombardeio da Inglaterra, a entrada dos Estados Unidos no conflito depois do ataque de Pearl Harbor.

Pelo Sobrado e pelo diário de Sílvia desfilam personagens e amigos dos Terras Cambarás. Ali estão Jango e Maria Valéria, a tia-avó de Floriano, o tio Bicho, o angustiado Arão Stein e Zeca, noviço católico que faz eco às preocupações místicas de Sílvia.

O diário é encerrado em 1943. O nazismo e o fascismo se esboroam, os Aliados e os russos vão vencer a guerra — “é uma questão de tempo”, escreve Sílvia. No dia 4 de dezembro ela conclui: “Cerro os olhos e fico esperando o recado de Deus”.

Um romance dentro do romance

Nádia Battella Gotlib



Refugiada num diário aparentemente descompromissado, Sílvia aos poucos afia seu olhar. Nesta viagem sem volta, Erico desenha um painel severo da condição social da mulher num contexto político de repressões.

Do diário de Sílvia é um episódio d'*O arquipélago*, terceiro romance d'*O tempo e o vento*. Coisa incomum em quase todo o restante da obra, aqui os fatos são narrados em primeira pessoa e por uma personagem mulher, Sílvia, que apresenta uma visão diferente da história da família Terra Cambará.

Os cinquenta fragmentos que compõem o episódio se organizam segundo marcação cronológica, de 24 de setembro de 1941 a 4 de dezembro de 1943. Entretanto, os relatos não obedecem apenas ao registro do dia a dia, característico do gênero diário. Obedecem também aos ritmos do devaneio, das lembranças, das expectativas da autora. Tal escrita associativa é chamada pela própria personagem de *jornal*, remontando ao termo de origem francesa *journal* (com sentido de “jornal” e de “diário”), que deriva de *jour* (“dia”). Esse diário guarda, portanto, um sentido de “jornada”, e se faz quase uma “notícia de viagem”. Que viagem? A da protagonista por seus interiores.

Se os fragmentos têm extensão variada, uns brevíssimos (a data seguida de duas orações), outros mais longos (várias páginas), cada um deles nasce da própria condição temporal da escrita: o dia de seu registro, num tempo de verbo presente, a partir do qual se fazem remissões ao passado (*flashbacks*) e elucubrações sobre o futuro.

Não é somente por ser diário que essa parte d'*O arquipélago* sobressai. Afinal, no mesmo romance, Floriano, filho do patriarca da família, Rodrigo Terra Cambará, escreve fragmentos confessionais, em primeira pessoa, numa espécie de “diário de romancista”. A narração de fatos de sua vida cotidiana é alimentada pelo propósito de dar forma ao que deverá ser o grande romance de sua carreira de escritor, em que contará a história do Rio Grande do Sul desde 1745. Para isso recorre à memória de pessoas mais velhas, reunindo dados de seu passado, que remonta, entre outros, aos trisavós dele, capitão Rodrigo e dona Bibiana. Em momento distinto, reproduz os trechos mais significativos do diário que manteve nos Estados Unidos, quando foi professor de literatura brasileira numa universidade da Califórnia.

AS DIFERENÇAS DOS DOIS DIÁRIOS

Cada um desses diários, que se destacam dos demais capítulos narrados em terceira pessoa, é escrito por uma mulher e por um homem que constituem um “par amoroso” dentro do romance. Os dois se unem pelo amor e por uma espécie de comunhão espiritual. E é em função dessa forte relação afetiva e sentimental que o diário de Sílvia se desenvolve.

Enquanto Sílvia mergulha corajosamente nas suas mazelas e questões interiores, Floriano mantém-se na superfície (é também o que dizem, em conversa, os leitores dos romances dele), sem deixar que os seus fantasmas aflorem. Essa diferença de procedimentos dos narradores pode ser atribuída à diferença de propósitos: escrever um diário íntimo, no caso de Sílvia, e um caderno de anotações de escritor, no caso de Floriano. Mas não poderiam mostrar também uma diferença de posturas — de homem e de mulher — diante da vida?

Vale a pena refletir sobre esse ponto tão discutido, sobretudo pela crítica feminista, que reconhece modos específicos de a mulher se comportar como autora, narradora e leitora de textos. Sílvia, ao escrever um diário íntimo, descreve e expõe um romance, pelo menos espiritual, o dela com Floriano. Este, ao construir um perfil de romancista, acaba se ocultando detrás dele e reconhecendo a sua dificuldade em se expor.

AS PERGUNTAS DE UM DIÁRIO

O diário de Sílvia inicia-se com um questionamento sobre a tradição do gênero, utilizado por adolescentes românticas, em segredo, para confessar experiências sentimentais. Elas criam, assim, um espaço onde inseguranças, limitações, ansiedades de certa forma reprimidas por um contexto social adverso podem emergir. O diário propicia mirar-se no espelho, confrontar-se com a própria imagem, num exercício de exploração do território da intimidade.

O diário de Sílvia propõe questões como: em que consiste um diário? E, a partir daí: para quem se escreve? para que se escreve? Até a pergunta final: o que consegue a personagem-escritora do diário através dessa escrita?

Logo no começo do capítulo, a narradora mostra uma espécie de preconceito contra o tipo de escrita que passa a praticar, tradicionalmente cultivado por moçoilas inseguras e sonhadoras. Daí o medo do ridículo que surge quando Sílvia “mente” que dará o diário de presente a uma mocinha e tenta se justificar: “Porque na realidade dei o diário à *jeune fille* que em parte ainda sou”. Ou quando alude à lembrança de que se costumava colocar um “amor-perfeito seco entre duas páginas”. Ou mesmo quando descreve fisicamente o diário, objeto meio cafona: “Tipo álbum, fecho de metal, uma gavota dourada na capa de plástico azul imitando couro”.

Mas, no lugar do amor-perfeito, ela coloca a própria angústia. E para isso emprega o termo alemão *Angst*, tal como usado por filósofos. Nesse ato de substituição da tradição ingênua pela consciência filosófica, Sílvia inaugura seu desabafo, com o intento de discretamente “lamber as próprias feridas na solidão”, embora saiba que “o certo mesmo é curá-las”.

E não é fácil enfrentar o mergulho na intimidade — naquilo que, com certa ironia, chama de “angustiazinha nacional e municipal” —, mediante “exercícios de franqueza”. Tanto que, logo no início dessa empreitada, menciona, antes do que pretendia, o nome de Floriano. Ou seja, ela é surpreendida pela própria escrita, que a conduz a direções não controladas. Eis então um dos espantos — e, ao mesmo tempo, um dos encantos — que a escrita pode nos fornecer: levar a atos e fatos inusitados, a direções inesperadas.

AS MÚLTIPLAS FACES

Ocupação em dia de chuva. Necessidade de registrar o que vem pensando e sentindo, sem aparentemente tomar isso a sério. Reconhecimento de que não é uma, mas muitas Sílvias, entre elas a que escreve e a que lê, e várias que escrevem, e que leem. Assim por diante, a sequência desdobra-se em múltiplas projeções. A linguagem do diário leva a personagem a redescobrir-se.

Mas, ao olhar para si, Sílvia acaba fatalmente olhando para o “outro” e situando-se num contexto de vida mais amplo, que é pessoal e coletivo, individual e social, nacional e internacional, para, num estágio seguinte, reconhecer-se em estado de solidão intensa, no qual aguarda a religiosa contemplação da magnitude divina, cerrando esse circuito com a serenidade espiritual conquistada com um novo “possível amor”, pela fé em Deus.

Há, pois, um nítido percurso de questionamentos da personagem. E eles compõem, afinal, a linha do enredo do romance, desde as primeiras palavras escritas pela mulher casada, como se fosse uma adolescente, até as relações complexas que ela cada vez mais madura mantém com outras personagens. Aí aflora a problematização da condição social da mulher num contexto político de repressões, inquietações, anseios e frustrações provocados pelo violento **Estado Novo**, no Brasil, e pela Segunda Grande Guerra.

À medida que o tempo passa e a escrita se consolida em ato sério e consequente, dilui-se o tom de ironia e brincadeira que alimenta os primeiros fragmentos minados pela insegurança, sem no entanto deixar que a seriedade apague uma saudável leveza. No início, a personagem brinca consigo mesma, mas tenta livrar-se da inconsequência e enfrentar os problemas. Ela quer “botar as cartas na mesa”, ciente de que os problemas que tem com os outros, afinal, convergem para uma única pessoa: “meu problema maior sou eu mesma”.

Na sequência do processo de conscientização a que a leva a escrita, a autora analisa sua própria reação perante os dois irmãos, o marido (Jango) e o cunhado (Floriano). Ela então reconhece a frustração pela relação não consumada com Floriano, tão intelectualizado, e pelo casamento consumado com Jango, sempre a cuidar dos animais do Angico.

GETULIO VARGAS E O ESTADO NOVO

O gaúcho Getúlio Dornelles Vargas (1883-1954) atravessa toda a obra de Erico Veríssimo. Fez carreira política por entre as extremadas polaridades partidárias do Rio Grande do Sul; foi deputado federal, ministro da Fazenda e presidente (como se dizia então) da província. Chegou à Presidência da República à testa de um movimento revolucionário que contou com indiscutível popularidade nacional, derrogando as oligarquias da República Velha, cujo sistema eleitoral corrupto e limitado não continha mais o país. Usando da conciliação e da repressão sem trégua, venceu rebeliões como a de 1932 (em São Paulo), a de 1935, de militares esquerdistas, e a de 1938, dos integralistas.

Em 1937, numa crescente espiral repressiva e autoritária, instaurou o Estado Novo. Proclamou a Constituição chamada “Polaca”, de molde fascista. Suprimiu as liberdades individuais e fechou o Congresso. Proibiu os partidos políticos, inclusive os que o apoiaram, e ordenou a queima das bandeiras estaduais; criou o Departamento de Imprensa e Propaganda, que impôs rígida censura. Inúmeros militantes de oposição foram presos, torturados pela polícia política, ou deportados.

Instituiu, pela primeira vez na história do Brasil, um conjunto orgânico de leis que sistematizavam direitos aos trabalhadores, como férias, descanso remunerado, previdência social, estabilidade e salário mínimo; e passou a controlar os sindicatos. É nessa época que o país entra no domínio da indústria pesada, a siderúrgica, consolidando o processo de modernização.

Cortejado por nazistas e fascistas, Vargas pareceu se inclinar a eles, mas continuou negociando com os Aliados. Em 1942, o torpedeamento de navios brasileiros precipitou a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, do lado dos Aliados. Em 1945, o fim da guerra marcou também o ocaso do Estado Novo: Getúlio foi deposto por um golpe militar, mas deixou o poder ainda como líder popular, graças à política nacionalista e trabalhista que encetara. Voltou à Presidência eleito pelo povo, mas suicidou-se em 1954, em meio a um golpe conservador que tentava depô-lo.

O PEQUENO TEATRO DA VIDA

Há pelo menos duas imagens que revelam a argúcia do autor na seleção e montagem dos seus recursos narrativos. Uma é a do *teatro*, usado para traduzir o fracasso do casamento: a vida é uma comédia em que a esposa, má atriz, não diz nem faz no palco o que a vida conjugal espera dela, segundo o papel que lhe cabe. E os momentos de improviso são vistos com estranhamento pelo marido, rústico, autoritário, impermeável a diálogos, restrito, talvez por insegurança, ao seu mundo de certezas, como Sílvia resume numa só frase: “É um homem sólido e prático, incapaz de sonhos e fantasias”.

A outra imagem é justamente a que desdobra esse traço de caráter do marido, a rusticidade, mas recorrendo a um tom irônico e bem-humorado, uma das marcas de Erico Verissimo: “Como pode acreditar em feridas da alma quem vive tão preocupado com as bicheiras dos animais do Angico? Se eu lhe contar meus problemas espirituais, temo que me receite creolina. Como tudo seria mais fácil na vida (deve refletir ele) se pudéssemos juntar todos os nossos parentes, amigos e dependentes que têm problemas de consciência,

e atirá-los como se faz com o gado, dentro dum banheiro cheio de carrapaticida...”.

O diário é importante, ainda, por registrar com certa espontaneidade (pelo menos aparente) as variações de comportamento de Sílvia. Ora ela critica o marido, ora sente-se culpada por havê-lo criticado; ora escreve, ora pensa em rasgar a página. As contradições da personagem vão sendo aos poucos reveladas pelo diário, que se constitui, ao mesmo tempo, em “escrínio” (tesouro) que contém as “raras joias que a vida nos dá”, e em “lata de lixo”, onde são despejados o tédio, as tristezas e os ódios. Esses movimentos internos da narrativa, que avança às vezes num sentido, às vezes em sentido contrário, realçam a complexidade da natureza humana.

Como problematizar as ações ou inações e a própria reflexão é uma das funções críticas dessa linguagem de “balanço de vida”, a narradora também usa com eficiência o recurso das perguntas e respostas. “Por que casei com Jango?” Porque... E aí Sílvia lança várias hipóteses, descobrindo, por exemplo, que, apesar de amar Floriano, decidiu se casar com Jango para acatar a vontade do patriarca poderoso, Rodrigo, seu padrinho e protetor, senhor do Sobrado e de Santa Fé, e pai de Floriano e de Jango.

Sente-se a força da diferença entre as classes sociais: em seu casamento, Sílvia agiu como se ainda fosse a menina assustada que ganhava roupas de segunda mão da menina rica Alicinha, filha de Rodrigo. Sílvia cres-

A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Na década de 1930, cresceu a radicalização ideológica entre esquerda e direita no mundo inteiro. Na Espanha, desenvolveu-se um confronto dramático quando os republicanos tomaram o poder em eleições democráticas. Inconformados, os falangistas, de direita, começaram um levante armado em 1936, sob a liderança de Francisco Franco, em Tânger, possessão espanhola na África.

Numa das mais sangrentas guerras civis da humanidade, os falangistas obtiveram apoio dos regimes nazista e fascista, que lhes forneceram armas, blindados, aviões e soldados. Pela primeira vez ocorreram bombardeios aéreos maciços e contínuos contra populações civis. Ficaram tristemente famosos os ataques a Guernica, Valencia, Barcelona e outras cidades.

Com o apoio da União Soviética e de movimentos esquerdistas do mundo inteiro, os republicanos formaram brigadas internacionais que levaram mais de 60 mil combatentes estrangeiros para a Espanha, incluindo dezesseis brasileiros. Intelectuais e artistas solidarizaram-se com a dramática luta pela liberdade.

Em 1939, os falangistas derrotaram os republicanos e iniciaram uma ditadura que duraria décadas. Muitos republicanos se refugiaram na França, onde eram mantidos em verdadeiros campos de concentração. Muitos outros aderiram à luta contra os nazistas, e alguns foram repatriados. Um dos brasileiros, Homero Jobim, passou seu diário de campanha a Erico Verissimo, que o usou como fonte de inspiração para escrever o romance *Saga* (1940) e compor o destino de Arão Stein.

cera presenciando o sofrimento da mãe, uma costureira que trabalhava noite adentro para ganhar o mínimo e, além de tudo, por causa de um casamento infeliz, vivia desiludida, para sempre descrente dos homens.

O TEMPO E OS ESPAÇOS

Por todas essas razões, o tempo é uma das grandes presenças no diário. A narradora, já casada e madura, sempre recorre ao passado através das cenas que recorda. Lembra-se, por exemplo, do dia de seu noivado, quando Floriano chega do Rio de Janeiro e em meio ao burburinho da festa a chama de “minha querida”, numa clara demonstração de amor. Lembra-se do enterro do tio Toríbio, que a havia aconselhado a seguir os rumos do coração e confessar o amor por Floriano. Lembra-se das inúmeras conversas que teve com Floriano: ele contando do namoro com a americana Mandy Patterson ou declarando a intenção de se dedicar integralmente à literatura — o que significaria não insistir na ideia de se casar algum dia.

A história de Sílvia envolve ainda a história de outras personagens que frequentam o Sobrado, em Santa Fé, e contribuem para que a narração se estenda até o Rio de Janeiro e a Europa. Se o Brasil do sul, agrário e conservador, aparece com realce através de Jango, que mora e trabalha no Angico e dali quase não sai, Rodrigo Terra Cambará, o então patriarca de Santa Fé, político de projeção nacional, getulista e oportunista, estabelece o elo entre o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro. Na cidade sedutora ele vive com a mulher, Flora, abnegada na condição de esposa enquanto o marido troca sucessivamente de amante.

Além desses “vitoriosos”, há os derrotados. Aderbal Quadros (Babalo) e dona Laurentina, pais de Flora, moram na estância, agora em ruínas. Segundo Floriano, Aderbal trabalhou inconscientemente para a pobreza por não compactuar com o regime movido a “lucro indecente” e com a “distribuição de terras injusta”. Já Arão Stein, judeu e militante comunista, experimenta as atrocidades da **Guerra Civil espanhola**, do asilo em campo de concentração para refugiados na França e das prisões brasileiras sob o jugo da ditadura de Getúlio Vargas.

OS DIÁLOGOS

Um dos recursos usados pelo narrador para reunir opiniões diversas num mesmo espaço são as conversas entre várias personagens, como é o caso dos serões no Sobrado. Ali elas ouvem no rádio as notícias da Segunda Grande Guerra, com a crescente ascensão dos fascistas, vista com apreensão pelos italianos de Santa Fé. E temem pela sorte dos Aliados, ameaçados pelos países do Eixo, cuja força nazista invade a Dinamarca, Noruega, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, até tomar Paris, obrigando franceses e ingleses ao episódio dramático da **retirada de Dunquerque**.

A SEGUNDA GUERRA

E A RETIRADA DE DUNQUERQUE

A derrota da França e a consequente ocupação de Paris foram dos acontecimentos mais dramáticos da Segunda Guerra Mundial, que culminaram com a retirada de Dunquerque.

Milhares de soldados britânicos que lutavam no continente e remanescentes do Exército francês se viram confinados às margens do canal da Mancha. Por razões como o mau tempo e uma certa contemporização por parte de Hitler, que desejava um armistício com a Inglaterra para poder voltar-se contra a União Soviética, o ataque final foi retardado.

Começou então em Dunquerque uma das maiores retiradas de tropas de toda a história. De 27 de maio a 4 de junho de 1940, milhares de embarcações de todos os tipos foram mobilizadas para evacuar 338 mil soldados da França e enviá-los para a Inglaterra. O episódio marcou a derrocada do primeiro enfrentamento dos Aliados com os nazistas, mas também assinalou a tenacidade da resistência à qual estes últimos terminariam por sucumbir.

Apenas Dinda (Maria Valéria), a velha cega que parece tudo saber, vive ausente, sem se importar com a “guerra dos outros”, embora não se descuide de vigiar Floriano e Sílvia, para não deixá-los a sós, temerosa de que aconteça algo entre os dois, numa guerra toda particular para manter a integridade e a união da família, de que se considera a sagrada protetora.

Entre as cenas de feição política, merece atenção a do discurso que Getúlio Vargas faz a bordo do couraçado *Minas Gerais* e que o tio Bicho lê num dos serões do Sobrado. O discurso é interpretado pelo Bandeira como sendo fascista e pelo dr. Rodrigo como sendo dissimuladamente pró-americano. O comentário final do tio Bicho define a sagacidade de Vargas e a postura dos brasileiros diante dele: “O presidente é um felizardo. Pode fazer ou dizer todos os absurdos que não faltará nunca um intérprete benévolo que o explique e justifique”. Esse jogo de diferentes pontos de vista em relação a um mesmo objeto — no caso, o discurso de Getúlio — é praticado pelo autor não só no diário de Sílvia como em outras partes do romance.

UMA COINCIDÊNCIA DE OLHARES?

Resta ainda uma consideração: até que ponto o olhar humanista de Erico Veríssimo coincide com o olhar de Sílvia? Ou: até que ponto a construção da narradora Sílvia (tal como acontece com o narrador e romancista Floriano) seria uma projeção do próprio Erico, de coração grande e compreensão aberta, sempre atento às virtudes da grandeza humana?

De todo modo, esses três construtores de texto (Erico, Floriano e Sílvia) colaboram para melhorar a formação dos seus leitores: incluem dados de informação, exercitam a visão crítica da realidade, desenvolvem a sensibilidade estética, realçam os valores humanísticos.

Sílvia termina o diário. O capítulo acaba, mas o livro continua. Qual será o destino do diário de Sílvia? Terão ela e Floriano forças para mudar a sua sina? Basta ler o restante do último volume de *O arquipélago* para saber. Adianto apenas que, embora secreto, esse diário ganhará, no final do romance, um novo leitor. Mas tão importantes quanto as respostas que o diário possa suscitar são as perguntas que ele levanta, e que Sílvia não esquecerá.

Leituras sugeridas

1. *Legião estrangeira* (1964), livro de contos de Clarice Lispector. Em “Os desastres de Sofia”, uma menina descobre o fascínio e as dores de amar e crescer. Em “A quinta estória”, uma mulher já madura transforma o esforço de livrar seu apartamento de baratas num ritual narrativo que a vai consumindo e fazendo mergulhar em visões fantásticas da condição humana. Clarice Lispector analisa com grande argúcia o olhar feminino sobre o mundo circundante e o mundo interior.
2. *Orlando* (1928), de Virginia Woolf. O romance acompanha uma personagem fantástica, ora homem, ora mulher, durante alguns séculos desde o Renascimento, testemunhando as semelhanças e diferenças entre os sexos.
3. *As horas* (1998), de Michael Cunningham. Parcialmente inspirado em *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, o romance aproxima o destino de três mulheres, entre elas o da própria escritora inglesa, que se suicidou no clima sombrio da Segunda Guerra Mundial e dos ataques aéreos contra a Inglaterra.

4. *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999), de Moacyr Scliar. Interessante visão da presença da Bíblia em nossa cultura a partir do olhar de uma mulher.
5. *Minha vida de menina* (1942), de Helena Morley. Diário verídico de uma garota de província do final do século XIX, o qual antecipa a voga das histórias do cotidiano ao traçar um retrato vivo e bem-humorado da vida em Diamantina entre 1893 e 1895, ao mesmo tempo que revela as inquietações típicas de uma adolescente.
6. *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis. Nesse clássico da literatura brasileira, Machado expõe as agruras e os mistérios do ciúme masculino diante do mundo feminino, que foge ao seu controle.

Atividades sugeridas

1. O *diário* é muito praticado ainda hoje, de diferentes formas, como, por exemplo, as divulgadas pela internet. Com base nessa premissa, os alunos podem:
 - a) avaliar as características típicas de um diário, levando em conta aquelas que aparecem no diário de Sílvia (marcação cronológica? desabafo de uma intimidade? procura de um espaço próprio?);
 - b) comparar os recursos aí detectados com os do diário escrito por Floriano, em dois outros capítulos do mesmo sétimo volume d'*O tempo e o vento* (como se comportam o narrador Floriano e a narradora Sílvia? quais as diferenças fundamentais entre eles?);
 - c) encontrar um diário na internet e compará-lo com os de Sílvia e Floriano;
 - d) criar um diário real ou fictício, durante um período de tempo (uma semana, um mês), para, no final, descobrir quais os recursos nele predominantes e quais as funções que tal diário acaba privilegiando (simples registro de emoções e sentimentos, balanço de vida, conhecimento de si, instrumento de processo de conscientização, busca de redenção de culpa, tentativa de punição, desmitificação de ídolos, revelação de várias faces etc.);
 - e) continuar a escrever o diário de Sílvia como se fosse a própria Sílvia, de modo que os acontecimentos nele expostos tenham enfim um desfecho, e depois comparar esse desfecho com o do romance de Erico.
2. A mulher é personagem constante no diário, e aparece numa grande variedade de situações e mesmo vivendo em condições diversas. Pode-se pedir aos alunos que avaliem as diferenças entre algumas personagens-mulheres do romance, como Sílvia, Flora, Dinda, Toni Weber, tentando resumir, em três ou quatro palavras, os traços fundamentais de cada uma. Pode-se pedir ainda que examinem as imagens empregadas por Floriano, em conversa com Sílvia, quando ele compara a terra a uma mulher ("Suponhamos que esta terra, esta cidade, esta querência seja uma mulher..."). Floriano também fala das relações de seus familiares com a terra, e faz analogias ao relacionamento com uma mulher: Jango estaria "casado" com a mulher/terra; o dr. Rodrigo a teria "traído" com a cidade do Rio de Janeiro e agora estaria sendo "devorado" pela "amante", Eduardo estaria "apaixonado" por ela e assim por diante. Com base nisso, sugere-se:
 - a) discutir com os alunos que outras imagens poderiam traduzir tais relações (exemplos: casa, árvore, água);

- b)** propor-lhes que escrevam um texto utilizando uma dessas novas imagens;
- c)** discutir que implicações de significado cada uma delas pode trazer (“terra” pode sugerir, por exemplo, “propriedade”, “conquista”, “cultivo”, “fertilidade” etc.).
- 3.** Erico Verissimo faz menção a várias passagens históricas relacionadas com os anos 1930 e 1940, período em que se instaurou o Estado Novo, no Brasil, e a Segunda Grande Guerra, na Europa.
- a)** Numa delas, há referência ao discurso que Getúlio Vargas pronunciou no couraçado *Minas Gerais*. Os alunos podem procurar esse ou outro discurso de Getúlio e examiná-lo considerando as opiniões que Bandeira e Rodrigo Cambará emitem sobre o posicionamento político do presidente. É possível definir outras interpretações? Podem ainda fazer o mesmo com discursos famosos de outras personagens históricas ou da atualidade.
- b)** A Segunda Guerra aparece algumas vezes no *Diário de Sílvia* através de notícias de rádio ou de jornais, provocando reações de pânico diante da violência dos nazistas e dos fascistas. Os alunos podem identificar, por meio da leitura de notícias de jornal, os efeitos de uma guerra internacional dos dias de hoje (como a que resultou da invasão do Iraque pelos Estados Unidos) na vida cotidiana de pessoas comuns. Podem escrever cartas imaginárias a essas pessoas, depois trocá-las entre si e redigir respostas, que em seguida podem ser discutidas.
- 4.** “Ver sua própria imagem no espelho” nos faz lembrar o mito grego de Narciso. Numa das muitas versões, Narciso é filho do rio Céfiso e da ninfa Liríope. De grande beleza, ele sempre desprezou as mulheres que o amavam, entre elas a ninfa Eco, que se finou de amor. Narciso enamorou-se da própria imagem refletida nas águas e nelas se afogou, transformando-se na flor que leva seu nome.
- Num dos versos de “Sampa”, Caetano Veloso também usa a imagem de Narciso. Pode-se pedir aos alunos que estabeleçam um paralelo entre essa imagem na música de Caetano e as que aparecem ao longo do diário de Sílvia.